

Página Inicial

Especial - Acordo Ortográfico

Agenda de Eventos

Artigos e Ensaaios

Blog

Livros

Polêmica nas Letras

Reflexões sobre o ensino de língua(s)

Resenhas

Textos literários

Edições Anteriores



Veja também



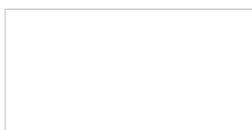
Biblioteca Digital Mundial



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

A ORIGINALIDADE NOS TEXTOS SAUSSURIANOS: UMA QUESTÃO DE LEITURA?

Fernando Curtti Gibin – UFSCar

Introdução

Como caminho para desenvolver algumas reflexões sobre o pós-estruturalismo, propõe-se refletir sobre: (1) como o *Curso de Linguística Geral (CLG)*, publicado em 1916 e organizado por Charles Bally e Sechehaye, pode ser considerado uma obra cuja autenticidade não se provou, ou seja, como esse *Curso* pode ser considerado um apócrifo, uma vez que seria ilegítimo considerar Ferdinand de Saussure autor original dessa obra; e (2) como é possível estabelecer uma posição ou uma postura teórica estruturalista de Simon Bouquet frente a esse assunto a partir de sua leitura em seu recente texto *De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais* (2008).

O *Curso de Linguística Geral (CLG)*, publicado em 1916 e organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, é uma obra de suma importância dentro dos estudos lingüísticos, já que “se constituiu numa obra que fundou a Linguística e serviu de modelo de cientificidade para as demais Ciências Humanas” (BOUQUET, 2008). Segundo Sargentini e Baronas (2007), a legitimidade científica poderia ser garantida quando se considerava e usava “o modelo analítico da linguística a partir do qual é possível descrever as sistematicidades da língua ou de qualquer outra estrutura, sistema testado e comprovado nas mais diversas Ciências Humanas [...]” (p. 47).

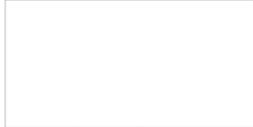
Essa obra, no entanto, geralmente é pouco popularmente lembrada quando associada aos nomes de seus organizadores (Bally e Sechehaye), mas é, no entanto, automaticamente reconhecida quando associada ao nome de Ferdinand de Saussure, considerado, por esses organizadores, “autor” dela. Segundo Bouquet (2008), Bally e Sechehaye, que reescreveram e reorganizaram integralmente o texto de 1916, apresentaram Saussure como ‘autor’ e se apresentaram como ‘editores’”. O *Curso de Linguística Geral* (1916), desse modo identificado, parecia refletir, de fato, os pensamentos do mestre Saussure.

Simon Bouquet, no texto *De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais* (2008), traz uma discussão que questiona a autenticidade e a originalidade do *CLG* (1916), delineando, a partir da leitura de outros textos, como *Introdução à leitura de Saussure*, e de comentários de Godel (*Fontes manuscritas do Curso de Linguística Geral* (1957)), de Engler (crítica do *Curso de Linguística Geral* (1968 e 1974)), de T. De Mauro (tece importante comentário que vem enriquecer em 1972 as reedições do *Curso*) e de R. Khyeng (o qual incorporou os *Escritos de Linguística Geral* no corpus do seu trabalho), alguns pontos principais em que esses textos “autênticos” (desse modo chamados por Bouquet) diferenciam-se do *Curso*.

O projeto que se delinea a partir dessa visão de Bouquet em relativizar, de algum modo, a importância desses textos “autênticos” e do *CLG* (1916), visa à reconstituição do real “pensamento de Saussure, desta vez do suposto verdadeiro porque a partir das fontes manuscritas do autor [...]” (CRUZ, p. 108)

De acordo com Bouquet (2008), “a divergência mais acentuada entre o *Curso* e os textos originais concerne ao próprio fundamento da epistemologia saussuriana: o objeto da linguística.” Na verdade, a famosa e reconhecida frase final do *Curso* “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”, não corresponde a nenhum enunciado de Saussure, nem em suas aulas, nem em seus escritos.” (BOUQUET, 2008)

Três testemunhas privilegiadas do ensinamento de Saussure – Antoine Meillet (linguista), Paul F. Regard (universitário genebrino e linguista) e Albert Riedlinger (universitário genebrino) opuseram-se a essa obra organizada por Bally e Sechehaye (1916) justamente pelo fato de que, segundo eles, “[oferecia] ao público (...) uma redação de idéias de F. Saussure sobre a linguística geral” (MEILLET, 1916), era “uma adaptação



Domínio Público



GEScom



GETerm



iLteC



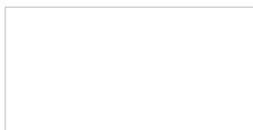
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



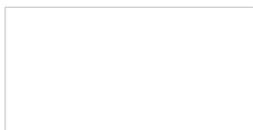
Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL



Universia

de um ensino fúgado que se dá oralidade" (MEILLET, 1916), e "experimental[va] uma desilusão de não mais encontrar o charme requintado e envolvente das lições [de Saussure]" (REGARD, 1919).

A partir dessas diferenças notadas por essas testemunhas e por outros estudiosos do assunto, como Simon Bouquet, é possível, pois, verificar que, de fato, alguns pontos do CLG (1916) organizado por Bally e Secheyne diferenciavam-se, tanto teórico quanto estilisticamente, das lições requintadas do mestre Saussure. O CLG (1916), nessa perspectiva, poderia ser considerado um apócrifo.

1. A questão do texto e do autor originais: o insucesso de uma visão estruturalista logocêntrica

A terceira dessas testemunhas, Albert Riedlinger, em carta, critica Charles Bally, um dos organizadores do CLG (1916), por não ter os critérios necessários para se publicar tal obra: "(...) Bally, talentoso para a observação dos fatos linguísticos, não tinha nem a sensibilidade filosófica, nem a envergadura de seu mestre [F. de Saussure]." (BOUQUET, 2008) Simon Bouquet (2008), também em crítica aos organizadores do CLG (1916), diz que "Meillet é provavelmente o linguista a quem Saussure sente-se intelectualmente mais próximo – é a ele unicamente que Saussure confiaria sua pesquisa sobre anagramas, – (...)"

A postura desses autores acima apresentada permite fazer uma leitura de que, para que se publicasse tal obra, era necessário pelo menos que os organizadores compartilhassem das mesmas qualidades do mestre Saussure, caso contrário, não seriam dignos de produzirem tão importante texto e, se produzissem, como produziram, nessas condições, poderiam talvez ser considerados profanos, isto é, alheios às reais e verdadeiras idéias ou conhecimentos saussurianos. Provavelmente, segundo Bouquet (2008), Meillet seria então o único digno de escrever ou transcrever as palavras do mestre já que lhe prestava uma afinidade intelectual maior e, por isso, apresentaria talvez uma confiabilidade de pensamentos equivalentes. Meillet, assim, seria o único capaz de reproduzir Saussure, de repetir na íntegra as idéias e pensamentos do mestre.

O conto de Jorge Luiz Borges, *Pierre Menard, autor de Quijote* (1980), oferece, em poucas páginas, "um dos comentários mais brilhantes e mais completos que já se escreveu sobre os mecanismos da linguagem (...)" (Arrojo, 1999, p. 13). Esse conto traz um resenha póstuma de Pierre Menard (personagem fictício criado por Borges), homem de letras francês que viveu na primeira metade do século XX. Menard compreende o texto como "um objeto de contornos perfeitamente determináveis, acreditando, portanto, que seja possível, (...), reproduzir totalmente, em outra língua, as idéias, o estilo e a naturalidade do texto original [de Miguel de Cervantes, autor de *Quijote*]" (ARROJO, 1999, p. 14). A partir disso, é possível que se indentifique na postura de Mernard em relação ao texto "um desejo de se chegar a uma verdade única e absoluta, expressa através de uma linguagem que pudesse neutralizar (...) as variações de interpretação, as mudanças de sentido trazidas pelo tempo e pelo contexto." (ARROJO, 1999, p. 17)

Em suma, Menard objetivava reproduzir integralmente o texto de Cervantes, por meio de uma interpretação total e de um controle único, considerando a possibilidade de delimitar e determinar os significados, recuperando a totalidade do texto de Cervantes e o contexto em que fora escrito, chegando, pois, à "total identificação do autor original" (BORGES, 1981, p. 51)

No entanto, "ao tentar identificar-se totalmente com Cervantes e proteger a intenção ou o significado 'originais' do texto, Menard inadvertidamente ilustra a inviabilidade de seu projeto," (ARROJO, 1999, p. 20-21), exatamente devido ao fato de que o que ele conseguiu, nesse projeto, foi reproduzir somente as palavras, mas não petrificar e delimitar os seus significados 'originais'. Essas mesmas palavras assumiam um determinado valor quando relacionadas ao contexto de Cervantes, e um valor diferente quando relacionadas ao contexto de Pierre Menard. (ARROJO, 1999)

Inevitavelmente, por mais que Menard tentasse controlar, delimitar, determinar os significados do texto de Cervantes, esses adquiriam outros valores em seu contexto de produção, revelando, portanto, que não só a recuperação total do texto original, nessa perspectiva, é impossível, mas também que, na verdade, a tentativa de Menard ilustra de fato mais uma leitura, mais uma interpretação do texto de Cervantes. Até mesmo quando Menard transforma-se em autor do *Quijote*, seus leitores também interpretarão essa obra sob diferentes pontos de vista e não conseguirão recuperar as "intenções" do autor original.

Bouquet (2008), ao escolher apenas Meillet para reproduzir os pensamentos saussurianos, já que era o mais confiável e o mais intelectualmente próximo do mestre, parece também compartilhar dessa perspectiva logocêntrica de que seria possível produzir integralmente os pensamentos e idéias de um autor original (como Saussure, por exemplo) por meio de um autor que pudesse talvez, por identidade, transformar-se no autor original e controlar fielmente, independentemente do contexto, os significados presentes nos textos "originais", tal como nas anotações das testemunhas do curso de linguística geral ministrado por Saussure, ou nos próprios manuscritos do mestre.

Meillet, assim, por assemelhar-se ao mestre (ou de talvez trazer uma muito próxima identificação com Saussure) seria o único capaz, para Bouquet, de produzir uma obra que fosse fiel ao ponto de abarcar as reais e verdadeiras intenções de Ferdinand de Saussure, ao contrário de Bally, que, segundo Riedlinger, "não tinha nem a sensibilidade filosófica, nem a envergadura de seu mestre [F. de Saussure]." (BOUQUET, 2008)

A leitura de Bouquet (2008) e a escolha de um, dentre vários autores, para a

(re)produção de uma obra, parecem trazer justamente essa visão tradicional logocêntrica, que pressupõe uma determinada teoria da linguagem que possibilita determinar os significados fora do contexto em que é lida ou ouvida. Uma das primeiras estratégias de Menard para a reescrever Cervantes é justamente “transformar-se em Cervantes” (ARROJO, 1999, p. 20). A visão trazida por Bouquet (2008) para Meillet parece também adotar, logo de princípio, a mesma estratégia: o único que poderia reescrever Saussure seria aquele que mais se assemelhasse ao mestre e que, por consequência, poderia talvez se transformar nele.^[1]

As aulas saussurianas, grafadas nas anotações de seus alunos, e os seus manuscritos, não são, no entanto, um “receptáculo de conteúdos estáveis e mantidos sob controle, que podem ser repetidos na íntegra” (ARROJO, 1999, p. 38). Não é possível que se controle e que se repita integralmente todo o acervo de pensamentos e idéias “reais” e “verdadeiras” desses textos saussurianos: “(...) aquilo que consideramos verdadeiro será irremediavelmente determinado por todos os fatores que constituem nossa história pessoal, social, coletiva.” (ARROJO, 1999, p. 38)

O *Quixote* de Menard, ainda que verbalmente idêntico ao de Cervantes, revela, mais do que o mundo de Cervantes, a própria história pessoal, social e coletiva de Menard que o constitui enquanto sujeito. Da mesma forma, a versão de Bally e Sechehaye dos pensamentos saussurianos, ainda que, como identificado no texto de Bouquet (2008), difira em muitos pontos dos manuscritos de Saussure, revelará também o contexto sócio-histórico que constitui e que identifica esses organizadores.

Isso é tão pertinente que o próprio Bouquet (2008) afirma que “Bally e Sechehaye alteraram uma aula oral do terceiro curso para deixá-la de acordo com a tese [deles]”. Isto é, inevitavelmente, a obra organizada por eles revelaria o produto da história deles: “os livros que leram, os autores que aprenderam a admirar, a visão de mundo que essas leituras e esses autores [como o Saussure, por exemplo] ajudaram a construir” (ARROJO, 1999, p. 41), e, por que não, a tese que defendiam, adicionaria.

2. A questão da leitura frente a uma posição estruturalista e logocêntrica

Para Arrojo (1999, p. 41), “mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar *nossa visão* desse autor e de suas intenções.” O fato de Bally e Sechehaye terem organizado o *CLG* (1916) concedendo a autoria à Ferdinand de Saussure parece mostrar, talvez, que tinham por objetivo resgatar as intenções originais de Saussure. Isso não só serviu de arena para muitas discussões, como faz Simon Bouquet (2008) em seu texto, mas também permitiu que algumas posturas revelassem uma visão tradicional logocêntrica e estruturalista que já parecia esquecida.

Nessa visão, o texto “original” – como empregado por Bouquet (2008) para se referir aos manuscritos de Saussure – era apresentado como um “receptáculo de idéias e/ou características distinguíveis e objetivamente determináveis” (ARROJO, 1999, p. 29). Do mesmo modo que é impossível para Menard tornar-se Cervantes, e do mesmo modo que é impossível para Meillet, talvez, tornar-se Saussure, “é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo do autor” (ARROJO, 1999, p. 40): como demonstrado anteriormente por meio do insucesso ou fracasso de Menard, o texto (e os significados que ali se abarcam) de Cervantes (ou de quaisquer outros autores, como os manuscritos de Saussure, por exemplo) não é constituído de conteúdos estáveis que são mantidos sob controle, independentemente do contexto, e que podem ser repetidos, transcritos. De acordo com Sargentini e Baronas (2008, p. 48-49), “O laço que liga as significações de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é secundário, mas constitutivo das próprias significações.”

Tanto as aulas de Saussure (documentadas por meio das anotações de suas testemunhas) quanto os escritos (os manuscritos) são passíveis de leituras e de interpretações, as quais estão atreladas as suas condições sócio-históricas. Aquilo que fora significado naquele instante das aulas e aquilo que fora escrito por Saussure em um determinado momento pode simplesmente ter sido resignificado em um outro contexto. O texto, escrito ou falado, bem como a língua, não é um código, pronto a ser extraído. “O texto não pode ser ponto de partida, como se para ser ponto de partida devesse ser o único ponto do trajeto.” (POSSENTI, 1990, p. 559), como era possível assistir, durante uma avassaladora moda de estruturalismo, a uma perspectiva que teimava em extrair o sentido só do texto, sem considerar outros fatores a ele peculiares.

O texto qualifica-se impotente “para ser árbitro da pendenga pelo sentido, e isso devido ao texto tanto ser coberto de sentidos indiretos, quanto demandar a consideração de outros elementos além dos verbais,” (POSSENTI, 1990) não sendo suficiente, portanto, apenas o agenciamento puro e simples do conhecimento lingüístico do texto:

“Dos vários ingredientes a ser considerados, alguns estão sempre presentes, entre eles os que por simplicidade chamei de autor, de leitor, de contexto, enfim, de condições de produção, o que, se aceitarmos o clássico ponto de vista da Análise do Discurso francesa, transforma um enunciado em discurso.” (POSSENTI, 1991, p. 717)

3. Considerações finais

A leitura de Bouquet (2008) de todos os textos “originais” saussurianos, que se revela em seu texto recentemente escrito *De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais*, também será, como a leitura de Bally e Sechehaye das aulas do mestre há muito tempo, fiel não ao texto “original”, “mas àquilo que considera[m] ser o texto original, àquilo que considera[m] constituiu-lo, ou seja, à [...] interpretação do texto de partida, que será (...), sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.” (ARROJO, 1999, p. 44)

As aulas e os escritos de Saussure não permitem, como qualquer outro texto, uma única e melhor leitura, mas, pelo contrário, outras leituras e interpretações. Há textos mais abertos (...) sobre os quais o leitor deve trabalhar para escolher entre as diversas interpretações possíveis (ou apenas para descobri-las e ficar com todas), mas há outros que lhe impõe uma leitura única” (POSSENTI, 1998, p. 52), que dão uma possibilidade de controle, isto é, a interpretação é comandada por regularidades linguísticas gerais, como o caso dos textos humorísticos.

Os textos de Saussure, dado o número de discussões e interpretações que já serviu, parece não se identificar com os textos mais fechados, os quais impõem uma leitura, mas, pelo contrário, com aqueles mais abertos que permitem várias leituras e interpretações. Existiu uma leitura (a de Bally e Sechehaye) que editou os alicerces do estruturalismo e que, embora fosse polêmica quanto à questão da autoria, ironicamente, não manteve seus significados intactos e congelados, mas, pelo contrário, concedeu que fossem resignificados em outros momentos por outros autores, como faz Boquet e outros. Existiu também uma outra leitura (a de Simon Bouquet) que, embora parecesse já distante dos postulados estruturalistas, em uma crítica à própria obra que fora o sustentáculo do estruturalismo, revelou-se inevitavelmente estruturalista, indicando, pois, autores, ou um autor, que pudessem ser os mais fiéis e justos quanto àquilo que realmente um autor “original” tinha dito e pensado, como se fosse possível lapidificar todos e quaisquer sentidos, independentemente dos contextos.

A decisão de Bally e Sechehaye de elaborarem tão importante obra foi “audaciosa”, como Meillet (1916) diz assumindo uma posição crítica, por terem ousado conceder a autoria a uma leitura que talvez Ferdinand de Saussure não fizesse. Segundo Cruz (2009), no entanto, “as escolhas dos editores [Bally e Sechehaye] não foram tão infelizes como se costuma pensar em geral” e “o *Curso* não é um texto ‘autêntico’, ele não é tampouco um texto inteiramente ‘apócrifo’.” (p. 109)

O *CLG* (1016) não é, pois, uma “vulgata”, mas, no entanto, pode também ser visto como apenas mais uma leitura, leitura essa que revela inevitavelmente o contexto, a visão de seus organizações ou “autores”, a posição sócio-histórico-ideológica que assumiam. De acordo com Cruz (2009), “Engler, que edita e estabelece juntamente com Bouquet os *Écrits de linguistique générale*,” tem curiosamente, em relação à crítica de Bouquet ao *CLG* (1916), uma posição ou uma opinião radicalmente contrária à de Bouquet:

“A posição de Engler, em consonância com a orientação histórica, parece indicar, ao contrário, a importância de um estudo em torno da recepção das ideias de Saussure ao longo do século XX com o objetivo de compreender os interesses implicados nas diversas leituras, a serem situadas geográfica e temporalmente, começando pela própria leitura dos editores.” (Cruz, 2009, p. 121)

Ainda segundo Cruz (2009), a alteração por parte dos editores daquilo se diferencia dos manuscritos saussurianos provavelmente “indica mais uma preocupação em fazer evidenciar aquilo que o pensamento de Saussure trazia de novo do que uma tentativa de deformá-lo ou mesmo falseá-lo.” (p. 123)

O texto de Simon Bouquet (2008) não se faz audaz ao criticar os organizadores da mais importante obra “que fundou a Linguística”; esse texto, da mesma forma, apenas revela mais uma leitura ou interpretação dentre as inúmeras outras leituras que estão por vir e que, nesse artigo, também se tentou fazer.

Referências bibliográficas

ARROJO, R. A questão da fidelidade. In.: _____. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1999.

ARROJO, R. A questão do texto original, In.: _____. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1999.

BORGES, J. L. Pierre Menard, autor del *Quijote*. In: _____. *Ficciones*, Madri, Aliança Editorial, 1981.

BOUQUET, S. *De um pseudo-Saussure aos manuscritos saussurianos originais*. Trad. Roberto Leiser Baronas & Vanice Maria de Oliveira Sargentini, 2008 (mimeo).

CRUZ, M. A. A filologia saussuriana: debates contemporâneos. Alfa, São Paulo, 53 (1): 107-126, 2009.

POSSENTI, S. A leitura errada existe. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE SEMINÁRIOS DO

GEL, XIX. Bauru, Unesp, 1990.

POSSENTI, S. Ainda a leitura errada. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE SEMINÁRIOS DO GEL, XX. Franca, Unifran, 1991.

SARGENTINI, V. & BARONAS, R. O Curso de Lingüística Geral: apontamentos de uma leitura da Análise do Discurso. Revista do GEL, V. 4, nº 2, 2007.

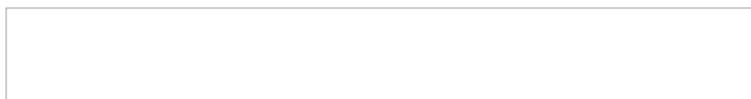
Recebido em 24 de abril

Aceito em 23 de maio

[1] Segundo Cruz (2009), entretanto, “nem Charles Bally, nem Albert Sechehaye, nem *Antoine Meillet* assistiram aos cursos de Saussure sobre a linguística geral [...]” (p. 113, grifos meus)



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site (www.lettras.ufscar.br/linguasagem).



Siga a @linguasagem no Twitter

o que é isso?